

Nota de abertura

Entre 2013 e 2018, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organizou uma série de *Seminários do Fim do Mundo*. Durante vinte e quatro sessões, falou-se sobre a representação e o imaginário da catástrofe, o cancelamento do tempo, a ruína das civilizações, o desaparecimento da existência humana; convocaram-se perspectivas artísticas, filosóficas, teológicas, políticas; interrogaram-se poemas, filmes, bandas desenhadas, videojogos. Após um ano de intervalo (ou um descanso sabático...), urgia regressar a todas essas questões – para pensar o seu reverso.

Se a História humana regista tantas formas de destruição e esquecimento, se o fim é uma ameaça insistente e plural, de que modo(s), pelo contrário, se pode salvar o mundo? Que palavras, gestos e acções permitem enfrentar a catástrofe e o aniquilamento? Como podem as artes inventar modelos de resistência, resgatar memórias, inaugurar um novo universo? E, finalmente: por que razão deve o mundo ser salvo? Para tentar responder, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organiza, desde Novembro de 2020 (em plena segunda vaga da pandemia de Covid-19), os *Seminários da Salvação do Mundo*, realizados on-line e transmitidos pelo *youtube*. Os libretos *Materiais para a Salvação do Mundo* publicam textos resultantes desses seminários abertos, ou tematicamente afins.

Neste volume, Lígia Bernardino parte de um livro de Maria Gabriela Llansol para pensar a barbárie humana e a salvação do mundo através de um diálogo com os animais não-humanos: a “alteridade salvífica” pode estar tão perto – e tão longe – como uma borboleta, ou outros co-habitantes do mundo, com as suas próprias, imprescindíveis, cosmovisões; também em clave ecológica, Diogo Martins questiona o Antropoceno numa larga escala temporal, pensando o tempo de actividade dos materiais radioactivos enterrados, a ameaça da destruição, mas também a urgência de reinventar poeticamente a habitação da Terra, “cumprir uma vocação: / dar testemunho / dos grandes mistérios” (Louise Glück); e Cláudia Coimbra observa a I Guerra Mundial através da literatura inglesa, encontrando a destruição e os fantasmas, o desespero e a esperança da beleza: flores, borboletas, a memória, a poesia, formas da mais extrema fragilidade, mas formas que – entre a loucura humana – ainda insistem em dizer a salvação do mundo.

Pedro Eiras